

O Cineclube Aruaanda apresenta hoje, às 19 e 30 horas, no DCE da UnB, o filme **Como Era Gostoso o Meu Francês**, de Nelson Pereira dos Santos, autor consagrado por **Vidas Secas**, **O Amuleto de Ogum** e **Tenda dos Milagres**. Amanhã, às 10 e 12 horas, haverá novas sessões no Anfiteatro 9. **Como Era Gostoso** foi produzido em 1971, numa época em que o cinema vivia sob clima de forte censura.

"Brasil," 1554. Prisioneiro dos Tamolos, um aventureiro francês escapa da morte graças aos seus conhecimentos de artilharia. Embora precisem dele para lhes ensinar a utilizar o canhão com o qual pretendem derrotar uma tribo rival, os índios marcam o dia de sua morte. Durante o tempo que lhe resta de vida, o francês aprende os hábitos dos Tamolos e chega a se unir a uma jovem índia. A idéia da morte próxima não o agrada e ele procura uma forma de escapar.

Através da jovem ele toma conhecimento da existência de um tesouro encontrado na região. Com a ajuda de um velho contrabandista de armas, encontra o tesouro e elimina o velho que tentou enganá-lo.

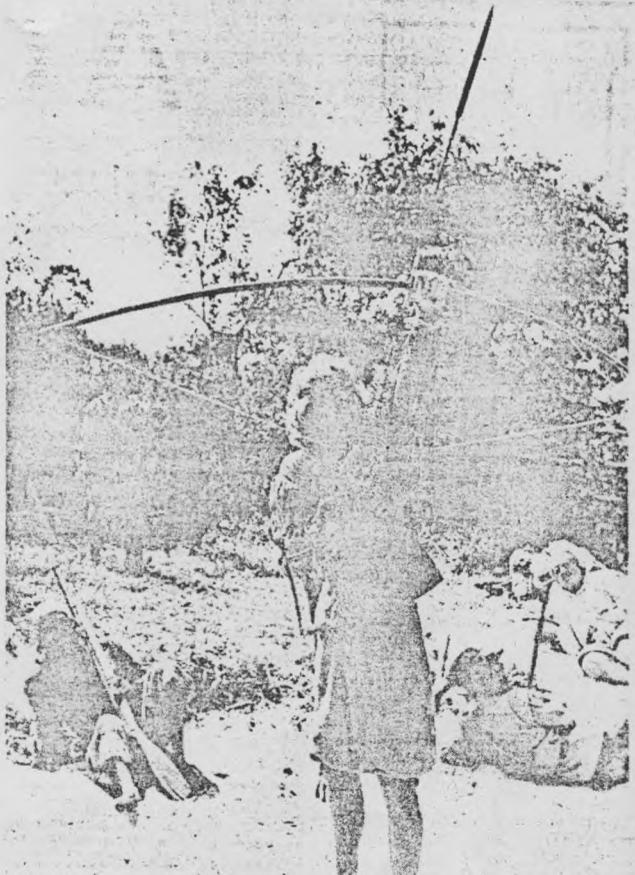
Quando o francês se decide a fugir, a jovem índia se recusa a segui-lo. Depois da grande batalha entre os Tamolos e a tribo rival, o chefe Cunhambebe marca a data da execução. A morte do francês fará parte das comemorações pela vitória e ele será servido durante o banquete tribal".

No elenco estão Arduino Colasanti, Ana Maria Magalhães, Eduardo Embassaí, Manfredo Colasanti, José Cleber. Argumento e roteiro de Nelson Pereira dos Santos. Diálogos em tupi de Humberto Mauro. Fotografia em cores de Dib Lufti. Cenografia de Régis Monteiro. Música de Guilherme Magalhães Vaz.

Um projeto antigo, somente em 1971 Nelson Pereira dos Santos encontrou condições favoráveis para a realização desse filme. Procurando quanto possível a felicidade histórica, Nelson conseguiu realizar um trabalho inovador dentro de nosso cinema, do qual ele é um dos seus mais importantes elementos. Ampliando as características atrativas do filme, o pioneiro Humberto Mauro foi o responsável pelos diálogos em tupi. **Como Era Gostoso o Meu Francês** vem se juntar à lista de filmes que formam a carreira de Nelson, desde que começou com **Rio 40 Graus**, passando por **Vidas Secas**, **Mandacaru Vermelho**, **El Justiciero**, **Fome de Amor**, e o recentíssimo **Azyllo Muito Louco**.

#### EM PARATI

Filmando uma vez mais em Parati, Nelson Pereira dos Santos realizou um velho e ambicioso projeto, **Como Era Gostoso o Meu Francês**. Antes de concluir o filme, porém Nelson enfrentou vários problemas. Os dois maiores foram exatamente os da produção e acabamento. Com um orçamento bastante alto para o cinema brasileiro - Cr\$ 760 mil (cerca de 150 mil dólares) - **Como Era Gostoso o Meu Francês** exigiu ainda um longo e rigoroso processo de pesquisa documental. Ao longo dos cinco anos em que se desenvolveram estas pesquisas foram consultados alguns clássicos da História do Brasil do século XVI: **Civilização Tupinambá**, (Metraux), **Viagem ao Brasil** (Hans Staden), **Tupinambá**, (Jean de Lery), **Civilização Tupinambá** (Florestan Fernandes) e uns poucos cronistas.



Arduino Colasanti, o francês aprisionado pelos tamoios, no filme de Nelson Pereira dos Santos

Os diálogos foram escritos em tupi-guarani pelo cineasta Humberto Mauro e o francês quinhestista por especialistas franceses. Por esta razão, durante os diálogos são projetadas legendas em português.

Durante os quatro meses de filmagens um outro filme de Nelson, **Azyllo Muito Louco** recebia o Prêmio Luis Buñuel do Festival de Cannes. No ano seguinte no mesmo Festival, **Como Era Gostoso o Meu Francês** foi mostrado fora da competição, com uma boa movimentação crítica.

A Censura pensou em interditar o filme por ele apresentar a nudez masculina sem subterfúgios. Depois de vários meses de discussões e justificativas, o filme foi liberado. Nelson explica a necessidade da nudez.

—Como todo mundo sabe, índio brasileiro nunca usa roupa. Usa mesmo é a pele do corpo e pintura jenipapo. Meu filme não ofende de forma alguma às tradições do povo brasileiro, porque é um trabalho de estudo quase antropológico sobre os hábitos de nossos índios. Tanto que o filme não só conseguiu liberação como também ganhou censura livre.

Para garantir a autenticidade dos cenários - desenhados por Régis Monteiro - construíram-se tabas exatamente à maneira indígena e reconstituíram-se o guarda-roupa do europeu, com a mesma fidelidade com que se procurou objetos e adornos de época.

Aparecem no filme mais de 500 figurantes, tendo como atores principais Arduino Colasanti, Ana Maria Magalhães, Eduardo Embassaí, Manfredo Colasanti e José Cleber.

#### DUAS CULTURAS

A história de **Como Era Gostoso o Meu Francês** é passada durante o período da França Antártica. Após

escapar da morte a que fora condenado, Jean (Arduino) encontra um grupo de portugueses que naufragam em pleno território inimigo (Brasil). Os portugueses aprisionam o francês e entregam-lhe dois pequenos canhões para serem usados contra os índios. Estes atacam de surpresa e prendem Jean, tomando-o como poderoso português. Escravo de Cunhambebe (Eduardo Embassaí), grande chefe dos índios tupinambás, Jean é marcado para ser devorado pela tribo que assim incorporaria os poderes guerreiros do artilheiro francês.

Na aldeia tupinambá, o prisioneiro é guardado por uma viúva Saboipep (Ana Maria Magalhães), que cumpre também o papel de esposa de Jean até o dia de sua execução.

Nelson Pereira dos Santos explica com detalhes as razões que o fizeram escrever a história de **Como Era Gostoso o Meu Francês** e como foi desenvolvida a idéia.

—O tema de partida foi escolhido por acaso. Diariamente, atravessando a baía de Guanabara, imaginava, como ela seria, ainda virgem, no tempo dos franceses. Essa idéia me foi ficando familiar, e creio que daí surgiu a intenção de fazer o filme. Mas acredito que realmente não há grande diferença em relação a meus temas anteriores. O importante é que a história, o projeto e as preocupações são todos meus, nascidos espontaneamente e nos quais trabalhei mais de quatro anos.

—O fato de situar a história no século XVI, época em que os franceses estavam no Rio de Janeiro, não invalidou a análise do choque cultural entre duas culturas em estágios diferentes. Ou, mais precisamente falando de um ponto de vista econômico, do choque entre dois povos - um subdesenvolvido e outro desenvolvido.